

# A REDEMPCÃO

FOLHA AECOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 REIS

ANNO I

REDACCÃO  
LARGO 7 DE SETEMBRRO  
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 10 de Abril de 1887

ASSIGNATURAS  
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.  
Pagamento adiantado

N. 27

## A REDEMPCÃO

S. PAULO, 10 DE ABRIL DE 1887.

Irmãdades, confrarias e ordens  
terceiras

III

A ninguém deve restar duvida sobre a verdadeira causa do entorpecimento da prosperidade da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia.

Quem estudar o seu passado, tomando por ponto de partida, por exemplo, a data de 14 de Setembro de 1792 até 6 de Março de 1854, reconhecerá pelos recursos que a mesa administrativa conseguiu alcançar, já para concluir o templo que hoje é a sua igreja municipal em São Paulo, tendo começado por uma modesta capella, já para outros misteres, o quanto é conveniente separar as attribuições temporaes das espirituaes, dando ao commissario visitador o que, pela natureza de seu cargo, definido pelo direito ecclesiastico, deve competir-lhe.

Até 1854 a ordem vivia em paz e harmonia com seus commissarios, presidentes das reuniões da mesa administrativa, como delegados do prelado regular, porque, até essa data, ainda mesmo em materia economica, a elle era somente subordinada, não prestando contas á autoridade secular.

Posteriormente ao decreto n. 834, de 2 de Outubro de 1851, o poder civil chamou a si essa parte, subordinando a pessoa juridica, corporação religiosa, ás regras do direito civil, quanto á sua administração.

Quando os ministros são os presidentes das reuniões da mesa administrativa e os seus chefes temporaes.

O compromisso, porém, não só viola disposições do direito civil, mas dá ao commissario visitador poderes que anteriormente não tinha, nullificando o cargo de ministro ou tornando-o simplesmente honorifico, quando é o da maior actividade, segundo a propria regra em que se baseou.

Minister sit servus, omnium fratem. Os troques que tem causado á marcha administrativa da corporação essa absorção, não ficam assignalados somente nos protestos levantados nessas nomeações de commissarios para reformulação, indicadas até 7 de Dezembro de 1862.

Não foi essa, porém, a ultima. Em 20 de Novembro de 1870, ainda foi nomeada outra para idêntico fim, composta de tres irmãos, sendo um delles o vigar-

rio capitular, ou o monsenhor Joaquim Mancel Gonçalves de Andrade, que fizera parte da eleita em 18 de Dezembro de 1854.

Em virtude dos latissimos poderes que o compromisso concede aos commissarios visitadores, delegados do prelado regular, estes absorvem as funcções até de todos os cargos, de sorte que, amparados pela omnipotencia na ordem, proclamam-se a sua autoridade legitima, o seu superior, ficando o prelado regular reduzido em sua competencia unicamente a confirmar propostas de commissarios, o a governo colectivo transformado em singular ou unitario.

E' devido á isso que a Ordem Terceira, habituada desde os tempos dos religiosos a caminhar sempre em relações com o prelado regular, a quem consultava sobre qualquer emergencia que sahia dos actos ordinarios da vida administrativa, presentemente nem com elle se corresponde, ao menos, para enviar-lhe a lista do pessoal que está servindo.

Approvado o nullo compromisso de 6 de Março de 1854, a ultima consulta dirigida ao prelado regular foi feita em 1854, quando a irmandade de S. Benedicto quiz separar-se.

Dahi em diante nunca mais lhe enviaram letras, nem ao menos remetendo a lista dos irmãos que computeram as mesas administrativas, como há pouco lembramos.

A passada administração foi quem reviveu esta obrigação, imposta pelo decreto de 2 de Outubro de 1851 para com o juizo de capellas.

Quando em 16 de Abril de 1871, o ministro mor Anacleto escreveu ao rvdm. pro communicando-lhe ter nomeado Henrique Schefer para o cargo de commissario, por ter pedido demissão o cônego dr. Ildefonso Xavier Ferreira, frei João do Amor Divino Costa fez sentir a sua autoridade de prelado regular nestes termos:

«A graça do Senhor assista sempre a VV. CC.

Accuso o recebimento do officio que VV. CC. nos dirigiram com data de 16 do corrente e com elle a cópia e certidão de outro, no qual o nosso commissario pediu a sua demissão, motivo que determinou a necessidade de um sacerdote para exercer interinamente as obrigações desse emprego.»

Os commissarios visitadores são empregados com obrigações, de cujo desempenho devem conta ao prelado regular, que as estatue e previne.

Alguns padres modernos, porém, não queremos bedecer e seu magno pensamento é somente mandar; d'ahi a impostura que

locando muitas vezes á meta do ridiculo, tem provocado amargas questões, perturbando a vida de veneráveis instituições e tecendo injusticas para os que argumentam com o direito.

O Brazil é um paiz de escravidão, e o individualismo que ella produz não poupa o proprio clero.

Tudo n'esta nação está degenerado. Os bispos virtuosos são verdadeiros martyres em suas dioceses, pisando brazeiros e recebendo para a grandeza de alma, com que sabem occultar aos olhos do mundo aquillo de que são testemunhas e juizes, insinuações partidas das proprias folhas religiosas.

Dizia ainda o venerando prelado regular frei João do Amor Divino Costa:

«Aguardando VV. CC. para tempo opportuno proporem outro que venha a ser seu effectivo commissario, intelligenciado a respeito do quanto se serviram communicações, expediremos as convenientes ordens para que esse reverendo padre ahi proposto por VV. Caridades possa ter a necessaria jurisdicção, que lhe é indispensavel para o fiel desempenho de seus deveres.»

E' de 24 de Março de 1871 esta resposta.

Aos 9 dias de Julho desse mesmo anno, o ministro monsenhor Anacleto Continho propoz a demissão interina do padre Henrique Schefer e nomeação do conselheiro dr. Vicente Pires da Motta para effectivo.

Achando-se presente em mesa, declarou aceitar o cargo para servir gratuitamente, dispensando-se, porém, de certas obrigações do compromisso, que já estava impresso.

O rvdm. provincial frei João do Amor Divino Costa escreveu certa maneira a historica e do anterior, ao rvdm. provincial frei João do Amor Divino Costa fez sentir a sua autoridade de prelado regular nestes termos:

«Aos nossos carissimos irmãos ministros, etc.

Saude e paz em o Senhor.  
«Cheio de satisfação, faço expedir a carta patente nomeando e instituindo commissario visitador o N. C. Ir. exm. rvdm. sr. conselheiro dr. padre Vicente Pires da Motta.

Sirvam-se VV. CC. em meu nome agradecer-lhe tão relevante serviço e aceitar VV. CC. os meus emboras por tão acertada escolha quanto feliz acquisição.

Em testemunho de minha sinceridade e de paternal solicitude que VV. CC. me merecem, envio-lhes a bençãa serafica de nosso patriarcha, para que prosperem.»

Irmão professo em 1869, ou 1870, o commissario a que nos referimos encontrou publicado o compromisso, ignorando

bem como os irmãos a sua historia desde 1854.

Na direcção dos negocios administrativos, soube attender ás attribuições dos diversos cargos da mesa, embora como seu presidente nullificasse tambem, quanto á iniciativa na administração, o de ministro, que é o chefe temporal.

Por meio de esmoladas que angariou, deu ao consistorio o aspecto que hoje tem mas, antes de começar as obras, pediu o comparecimento do ministro, que era o actual commissario o arcyepreste dr. João Jacyntho Gonçalves de Andrade para scientifical-o do que ia fazer.

Em seu commissariado o prezadissimo e muito estimado irmão exm. rvdm. sr. vigario geral dr. Francisco de Paula Rodrigues iniciou as missões quaresmaes em 1872 com o concurso dos religiosos, franciscanos sabios e distinctissimos ex-lentes do Seminario Episcopal, constituindo-as depois seu encargo annual, por devocão.

Foi um commissariado de prosperidades, beneficios e economia para a ordem, mas em que o esquecimento do prelado regular caracterizou em sua pujança o schisma estabelecido pelos estatutos, em que, dizendo-se estarem approvados pelo ordinario occultou-se o seu nome e a integra da approvação, illudindo os irmãos, que só depois de longo estudo puderam chegar ao resultado que fica escripto, trabalho a que precedeu a advertencia do rvdm. prelado regular.

Finalmente, fallecendo o conselheiro dr. Vicente Pires da Motta, em Outubro de 1882, sendo ministro o arcyepreste dr. João Jacyntho Gonçalves de Andrade, a mesa remetteu uma postulação propondo um sacerdote para esse cargo; porém, como usasse da expressão eleito e não proposto, o rvdm. provincial não attendeu.

Remetidos nova proposta é o compromisso, o rvdm. provincial, em carta particular a um irmão, declarou estar irregular, e indeferido a postulação da mesa, endereçou ao ministro, que é o actual commissario, a seguinte carta datada de 8 de Março de 1883:

«Haja v. rvdm. por melhor satisfazer a uma necessidade em que me vejo. Não podendo antes de tempo e definitivamente providenciar acerca dos negocios da Ordem Terceira de S. Paulo, me persuado que será remedio o seguinte:

Autorizo a v. s. rvdm. por si, ou por sacerdote de sua escolha, a funcionar em todos os actos do culto publico ahi, dando-lhe a jurisdicção necessaria.

Muito me hongeará a sua acquiescencia.  
De volta de minha viagem ao norte em

o começo de Maio, solverei todas as duvidas que existem.»

Eis a condemnação expressa do compromisso pelo prelado regular.  
Estamo: n 1887 e a ordem não entrou ainda na obediencia.  
Continuaremos.

## Matricula de escravos

Sabiamos e já calculavamos que na matricula de escravos teria de haver um sem numero de bandalheiras, devido a ser a maior parte dos exactores pessoas que devem suas nomeações aos escravocratas.

Que o sr. barão de Parnahyba, juiz e parte nas questões de escravos, havia de concorrer para augmentar-se o numero de escravos, isso sabemos nós, embora o *Diario Mercantil*, que ultimamente tem se constituído uma folha do governo, elogiando mais o sr. de Parnahyba do que o proprio *Correio Paulistano*, que tem isso por officio, viesse com um artigo laudatorio, com a epigraphe: — *Legem habemus*, elevar o sr. de Parnahyba aos cornos da lua.

Uma consulta feita pelo honrado collector de Queluz, em que consultava si devia dar á matricula a escrava de um tal dr. Rocha Leão, que não sabemos si é socio daquelles Gasmões que andavam aqui papando dinheiro dos herdeiros de Amador Bueno, essa consulta, affirmamos nós, era muito razoavel, porque o collector, sabendo que os escravos pertencentes ao tal doutor residiam não nesta provincia, mas sim em Rezenah, e que ali onde ha muito tinha se mudado o tal doutor com seus escravos, responde o grande barão de Parnahyba, a sabedoria mais salomonica de Jundiaby: *matricule-se nesta collectoria, embora estejam mudados para a provincia do Rio.*

De sorte que o sr. de Parnahyba dá direito a esse individuo de vender esses escravos nesta provincia, contra a expressa disposição da lei, tanto geral como provincial, que prohibe o commercio inter-provincial de escravos.

Accresce ainda que tem de apparecer na estatística dos escravos uma duplicata, porque é natural que tivessem matriculado esses escravos em Rezenah.

## FOLHETIM

(27)

STOWE

## A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO IX

Aonde se vê claramente que um senador não é, por fim de contas, senão um homem

Ao ouvirem esta palpitante narração, todos deram a seu modo, signaes de mais profunda sympathia.

Os dous meninos Bird, havendo procurado inutilmente nas algibeiras os lenços para enxugarem os olhos, refugiaram-se, inconsolaveis, no regaço de sua mãe, que recebeu as suas lagrimas.

— Mrs. Bird cobria o rosto com o lenço; a velha preta Dinah chorava, sem se contrazer, exclamando de vez em quando: «Senhor, tende piedade de nós!» Cudjoe tinha os olhos já como dous tomates, á força de os esfregar com a manga da jaqueta; porem o nosso senador, sendo um homem de estado, não devemos esperar vê-lo chorar como os outros mortaes; notou-se só que havia virado as costas á sociedade, chegando-se á janella, como por distracção, tussindo, assoando-se de vez em quando, e occupando-se em limpar bem os vidros dos seus oculos.

— Como é que pode dizer que tinha um bom senhor! — exclama elle por fim, dirigindo-se á fugitiva.

— Porque assim era, e di-lo-hei sempre. A minha senhora, sobre tudo, era como uma mãe para mim; mas achavam-se, infelizmente, empenhados, e dependentes do homem que me perseguia, a quem não podiam recuzar cousa alguma do que elle lhes pedisse. Esse monstro entusiasmou-se da gentileza do meu filhinho, e queria-o por força! Debalde o meu senhor ao principio lhe resistio; mas foi forçoso por fim ceder-lhe, assignando o contracto da venda. Eu que, escondida, tinha ouvido os detalhes deste horrivel contracto, determinei então escapar-lhe pela fuga, porque amo mais meu filho do que a propria vida!

— Não tem marido?

— Tenho; mas elle tambem pertence a outro senhor, que não consintia quasi nunca que viesse vê-me, e cuja maldade é tal, que receio não encontrar mais neste mundo meu pobre marido!...

— E aonde tenciona dirigir-se? lhe perguntá mr. Bird.

— Ao Canada, se poder. É muito longe daqui ainda o Canada? diz ella, dirigindo o seu candido e simples olhar a Mrs. Bird.

— Muito mais longe do que pensa, minha filha! mas veremos o que ha de melhor a fazer na sua situação. No entanto, descance, não tenha medo; confie em Deus, que já tão visivelmente a protege, e que a continuará a protegê-la!

Mrs. Bird, e seu marido tornaram para a sala. Ella sentou-se numa cadeira de braços diante do fogo, aonde se balançou docemente, entregue ás suas reflexões, no entanto que mr. Bird passeava de cá

para lá, murmurando de vez em quando por entre os dentes:

— Hum! hum! que caso tão atrapalhado!

Dirigindo-se emfim a sua mulher:

— Escuta! é necessario que ella parta daqui esta noite; porque esse homem não pode deixar de vir procura-la amanhã; se fosse só ella, ainda poderia esconder-se até que elle tivesse partido; mas quem pode esconder uma criança? Quando menos se pensasse, ella assomaria a umojanelão, ou a uma porta, e tudo estava perdido! Estava em bons assados, se fosse apahado a dar-lhes asylo!

— Não; é necessario que partam esta noite mesmo!

— Esta noite! como? e para onde?

— Deixa o caso por minha conta diz o senador, com ar meditativo, — e começando a calçar as botas; depois, parando, com o pé meio calçado, abraçou o joelho, e ficou assim entregue a profundas reflexões.

— É desagradavel negocio, não ha duvida! diz elle por fim, recomeçando a puçar pela bota; e quando esta se achou no seu logar, o pobre senador, com a outra enfiada no braço, pareceu entregar-se a um serio exame, dos desenhos do tapete da sala.

— É necessario, portanto que isso se faça!... posto que... os diabos me levem se... Calçando, emfim, a outra bota, foi olhar á janella.

Ora, Mrs. Bird, que era mulher discreta, e que nunca em sua vida tinha dito: «eu bem o sabia, eu bem o tinha pronosticado.» posto que conhecesse perfeitamente a natureza das reflexões de seu

marido, evitou prudentemente de lhe dizer nada, ficando tranquillamente assentada na sua cadeira, determinada a ouvir humildemente seu senhor e amo, quando elle se dignasse fazer-lhe conhecer as suas intenções.

— Agora me lembra, não tardou elle a dizer-lhe, eu tenho um antigo cliente, Van Trompe, homem capaz, que libertou todos os seus escravos que tinha no Kentucky, e veio estabelecer-se numa chacara que comprou, a sete milhas daqui, no interior das terras. É um lugar solitario, por onde ninguém passa, e aonde aquella pobre mulher podia estar segura o tempo que quizesse; mas o peor é que não ha ninguém, excepto eu, que possa conduzir, de noite, uma sege á morada de Van Trompe!

— Como! pois Cudjoe não é um excelente bolieiro?

— É sim; mas não vêes que é necessario passar duas vezes o rio, e que a segunda é perigosissima, quando se não conhece o vao? Não ha outro remedio! Cudjoe terá a sege prompta á meia noite, e eu conduzirei a triste creatura! — Para dar uma côr á cousa, far-me-hei conduzir á proxima estalagem, por onde passa o vapor que vai a Columbus, das duas para as tres da madrugada, e assim, os que me virem partir esta noite pensarão que foi só para fazer essa excursão. Mas com que cara apparecerei eu amanhã no senado!... Tanto peor! Os diabos me levem, se eu sei como heide sahír doutro modo deste aperto!

— O teu coração é melhor que a tua cabeça, John! lhe diz a gentil Mrs. Bird, pondo-lhe a sua mãosinha sobre a testa.

(Continua)

Isto aqui naturalmente foi alguma negociada em que talvez o sr. barão de Parnahyba fosse illudido por algum parente seu, interessado em comprar escravos no norte.

Suggeriu-nos essas considerações o facto de ter o sr. Antonio Alves de Souza, de Bragança, matriculado um escravo de nome Mariano, omitindo o facto de ser casado com Felisbina, com quem esse senhor anda concubinado, dando uma idade de apenas sete annos do que reza o baptisterio, documentos estes que temos em nosso poder, para fazer valer o direito de Mariano perante as autoridades judicias de Bragança, onde o collecter não cumpriu com os seus deveres e de outra fórma não teria feito tal matricula, que n.º só prejudica os cofres publicos como o direito desse homem, que no Brazil chama-se escravo.

Si bem isto desta e de si dão a natureza, o que se terá dado nesses outros lugares.

O proprio sr. barão de Parnahyba, libertando um escravo para o Livro de Ouro da camara municipal desta capital, não declarou na carta de liberdade que concedeu a circumstancia importantissima do escravo ser casado.

Morra o sr. de Parnahyba, virão os jornaes fazendo uma biographia em que se occultará tudo isto.

Bem dizia eu que o sr. Miguel Francisco Ferreira era capaz de fazer um *meeting* sobre a decisão da camara, a respeito do fechamento das portas.

O revolucionario varegista tem convocado mais de não sei quantas reuniões de patrões, afim de ver si consegue fazer com que os pobres caixeiros não dêem o seu passeio aos domingos. Não sei o que resolveram.

Provavelmente breve vamos vêr ahi o intransigente sr. Ferreira commandando *exercitos*, e desta vez não quebrando lampêes, mas abrindo portas.

Francamente, é muito injusto o que querem os negociantes a retalho, ou por outra — o que quer o sr. Ferreira. O caixeiro de venda, o caixeiro do varegista, é um verdadeiro escravo si não descançar ao menos á tarde do domingo; e havia por ahi patrões que faziam os seus empregados trabalhar desde o amanhecer até á noite, e isto todos os dias, em se feriado.

Não bastam já as pancadas que muito infeliz apanha do patrão? Para que tirar-lhes ainda as poucas horas que têm de recreio?

Era bem melhor que o implacavel sr. Miguel Francisco fosse tratar de outra cousa.

LINCOLN.

**Touradas**

Domingo, o povo apinhado nos palanques do largo dos Curros esperava festa esplendida, pois que isso tinham anunciado os jornaes da manhã.

Não appareceu o sympathico Doduca, com aquelle chapéu armado, padrão de tantas glorias da nossa antiga guarda nacional!

Nós, em um canto, estavamos lembrando que, ceder o Bentinho das loterias aquelle seu solidéu para figurar em touradas, é o mesmo que terem os republicanos do Rio de Janeiro, outra ora, feito de tapete uma bandeira nacional.

Ainda nos recorda o discurso que fez nessa occasião o conselheiro Duarte, que hoje dispõe dos votos dos republicanos da Limeira e de outros do 5.º districto, defendendo o facto de terem os agentes secretos da policia, armados de ovos cozidos, de carrafas, etc.

então se publicava na Córte.

Dizia o conselheiro Duarte, na camara dos deputados: Fez bem o povo, porque os republicanos fizeram de tapete a bandeira nacional, coberta de tantas glorias.

Assim dizemos nós: Servir em uma tourada um chapéu armado, coberto de tantas glorias, sujo pelos combates a que tem assistido o seu dono, cuja espada nunca saiu da bainha, sinão para esfregar-se sebo, afim de impedir a ferugem, é realmente cousa dolorosa.

Não veio o Doduca, mas veio um boi magro e depois d'elle outro, e depois do outro, outro.

Estavamos tristes, apreciando unicamente um major beicudo de Jacarehy, que, sentado perto de uma divindade, esquecia-se que quem tem nariz grande e beicço comprido e cabellos brancos, não pôde inspirar amores, quando abre-se o portão e entra um boi mocho, isto é, boi sem chifre.

Olhamos para o circo e vimos uma porção de bois humanos sem chifres illusão de optica.

Esse boi desenchifrado divertiu-nos um pouco, porque vimos um sem numero de amadores, e entre elles um a quem o boi fez uma porção de reverencia, que, sinão acudissem em tempo, ficaria com a espinhela torta per omnia secula seculi.

Neste interim, quando estavam todos alegres e contentes, entra a benemerita sociedade Salamanquina, que, envolto com os seus tristes cantores, implorava esmolas ás victimas do horrivel terremoto que cobre de lucto a Italia.

Os moços do forçado aproveitaram a occasião para arrecadar para si as esmolas que o povo dava ás victimas do terremoto.

Felizmente o sr. Pontes toureou os moços do forçado, fazendo vêr que mesmo os pegadores de chifres de boi devem ter sentimentos nobres, e mandou restituir o dinheiro aos Salamanquinos.

O Zé-povinho, que habita aquellas regiões, onde o sol concorre para economia das algibeiras, não comprehendendo a sublimidade do acto praticado pela sociedade de Salamanquina, assobiou,

vaiando essa corporação, digna do respeito de todos.

Mas é que o Zé-povinho de hoje compõe-se, na maior parte de escravos libertados, quem o captivo inutilizou os sentimentos mais nobres que o homem pôde ter.

Findo este acto, seguiu-se um boi azul, amarello ou verde, que, depois de passar duas vezes por cima de um capinha, que trazia as calças mettidas na meia, retirou-se.

Atraz de nós estava um italiano, meio hespanholado, que censurava tudo quanto faziam os toureadores; dizia elle: «uno torea ore non deve, non es possibile preparar na la barrela, antes deixar la tripa salire fora do estombrago do que dar parte de fraco.»

Referindo-se aos moços de forçado do dia, dizia: «Estão uns valentes saboiardos, que não sabido desmanchar umas colxas para fazer jaquetas.»

Quem ouviu isto e pôde contar com mais perfeição aos nossos leitores é o João Pereira, da irmandade dos Passos, que estava presente e ouviu tudo.

**Pilheria médica**

O caso deu-se em Campinas. Tambem só em Campinas podia elle dar-se.

O rico e gordo fazendeiro Estande Ferreira de Camargo Andrade tanto tem de Camargo como de nervoso.

Que o diga — si é ou não assim — o illustrado sr. dr. Loyolla, que se via gajo, com o nosso homem, em tempos que lhe tratou de causas: tinha syncope, com despachos que não podia comprehendêr, e — só o nome do Juca Branco, baixinho proferido, punha-o em convulsões e a gorda papada.

Loyolla! Que de trabalhos tinha então para socegar aquella pilha de nervos, que freiam naquella montanha de banhas e do mais!

Pois bem; o caso que se yae contar succedeu com o Láu Ferreira e não com outro: casos como este não se dão com toda a gente.

O nosso homem alforriado, aqui ha tempos, um seu escravo, não se achar suspeito de morphia.

morphina, de modo ali ser tratado gratuitamente e como homem livre. A mulher do suspeito *morphético* alforriado ficou como escrava em casa do gordo e nervoso senhor.

Os medicos que declararam o escravo suspeito de morphia, e que inspiraram a noble acção do illustre fazendeiro, foram os especialistas mineiros drs. Pereira Lima e Cassiano.

Mais tarde, e já sem poder conter os impetos á sua caridade, soube o gordo e nervoso sr. Láu Ferreira que o seu alforriado não soffria de morphia alguma; que estava atacado apenas de paralisia em um dos braços e com a mão correspondente atrophada. O nosso homem foi ás nuvens. O paralitico ainda lhe pôde prestar serviços, o *morphético* é que não e era, antes, um perigo.

Ficou, porém, com a pobre mulher do paralitico como sua escrava: era uma pequena compensação.

Consolou-se o gordo homem acreditando que o seu alforriado havia se curado da morphia; e, nessa consolação, repelia: — «O medico dá remedio, mas só Deus cura.» Era um aforismo que havia aprendido e decorado á força de ouvir-o repetir, ha tantos annos, ao dr. Ricardo Gumbleton!

Volveram-se os tempos. Uma parda, escrava ainda do nobre e nervoso Láu Ferreira, deu a apparecer com manchas pela cara, orelhas arrastadas, gengivas enegrecidas e sangrando: — novo concilio medico para o caso. Os dois especialistas referidos, de novo chamados, declararam a parda *morphetica*!

O nosso homem acreditou que o diabo lhe havia entrado na chaminé da cosinha e as bruchas se tinham vindo aninhar-se no seu telhado.

Alforriou a mulata e mandou-a embora.

Daí a um mez a mulata estava curada da morphia pelo dr. Cassiano, que lhe administrou apenas alguns laxantes! E, hoje, é uma das melhores cosinheiras da cidade e a mais prestimosa creada da OLHOS PRETOS.

Quando o nosso Láu Ferreira soube disso acreditou ser victima, e com razão, da mais tremenda conspiração abolicionista por parte dos medicos de

Campinas; e, no mais justo e inclito furor, exclamava e prometia, sacudindo as banhas e medindo a sala em passo pachidermico: — «Estão enganados! Agora nem que eu veja cahir as unhas não forro diabo nenhum!»

Até aqui tudo vae bem. O sr. Láu Ferreira pôde, ou não, alforriar os seus escravos doentes e imprestaveis; fique certo aqui da impunidade de seus actos: pôde mesmo matá-los, si o não tem feito.

O que vamos, porém, referir é mais grave:

A mulher — parda — daquelle escravo paralitico que o sr. Láu Ferreira alforriou por *morphético* e que está vivo e bem vivo — o sr. Láu a fez casar com um outro seu escravo. Isso, ha tempos, bem apparece, em commentarios.

Só nos resta perguntar: — «Estará vivo o sr. bispo de S. Paulo?»

Si estiver, nomeie uma commissão para syndicar e providenciar sobre o facto que lhe denunciemos.

Campinas, 5 de Abril de 87.

SPARTHAE.

**Bando preeatorio cosmopolita**

Domingo, 3 do corrente, ás 9 1/2 horas da manhã, sahio o bando a favor das victimas dos terremotos havidos em Italia. Todas as ruas regorgitavam de povo.

O prestito esteve organizado na seguinte ordem:

1. Banda do corpo policial.
2. Carro allegorico — uma javen representando a caridade, tendo em uma fita o lemma: Fora da caridade não ha salvação, e sustentando a bandeira da humanidade com a inscripção: Fraternidade universal; e a seu lado outra joven com o estandarte da Philanthropia Internacional.
3. Grande pallio para esmolos.
4. Musica e côro da Sociedade Salamanquina.
- Em seguida vinham os representantes dos principaes organos da imprensa, esta em carros, acompanhando as seguintes corporações:
5. Sociedade hespanha.
6. Sociedade Italiana de Beneficencia.
7. Real Club Gymnastico Portuguez.
8. Banda de musica do Real Club.
9. Circolo Operario Italiano.
10. Sociedade Suissa de Beneficencia Helvetica.
11. Sociedade Italiana Victorio Emmanuele II.
12. União Spiritica de S. Paulo.
13. Sociedade Filodramatica Pietro Cossa.
14. Club Leoncio de Carvalho.
15. Banda Italiana Umberto I.
16. Associação Protectora das Escolas Italianas.

A redacção da *Redempção*, por ordem de antiguidade, se achava representada no carro em que ia o estandarte da sociedade Pietro Cossa. Todos os representantes da imprensa traziam ao braço um laço de fitas branca e preta, e as senhoras e cavalheiros que esmolavam traziam um laço internacional branco e enarornado.

O bando tinha um aspecto imponente e colheu a receita de 1:253\$000, como se verá do officio que nos enviou no dia seguinte o secretario da sociedade Philanthropia Internacional, e que damos em seguida:

«Em cumprimento do nosso dever temos a honra de communicação a v. que o bando preeatorio produziu a receita de 1:253\$000, e, deduzido-se a impressão das circulares, 10\$000, e 13000 pelo desconto de notas recolhidas.

Restou, portanto, 1:223\$000, e tendo um grupo de socios de diversas sociedades e o carro da Salamanquina offerecido a quantia de 157\$000 obtida na sahida que fizeram á tarde, prefez o saldo de 1:389\$500, que foi depositado no Banco Ingles, o qual deu-nos a letra 25-2.264, no valor de 3159,14 libras em ouro, á vista, pagavel ao ministro dos estrangeiros em Roma, cuja letra nesta data foi entregue ao exm. vice-consul da Italia.

Aproveitamos a oportunidade para, por intermedio do organo que v. redige, agradecer á imprensa, ao exm. presidente da provincia que concedeu a banda policial, á banda Italiana Umberto I, ás corporações já mencionadas no prestito e mais ás seguintes: Loja magonica Amizade, Club Leoncio de Carvalho, á Sociedade Salamanquina pelos espontaneos auxilios, ao Real Club Gymnastico Portuguez pela agradavel surpresa de apresentar

a sua banda de musica e ás exmas. senhoras e cavalheiros pelo generoso concurso que prestaram.

Te-temunhamos a v., sr. redactor da *Redempção* profunda estima e alta consideração. — Angelo Torteroli, secretario.»

Sabemos que a commissão executiva do bando acaba de dirigir um appello ás principaes corporações desta capital e áquellas que não puderam comparecer no prestito.

**A escravatura de S. Paulo**

Sob a epigrapha acima — *O Correio de Campinas*, de 5 do corrente, publicou o seguinte:

«Vimos publicar uma estatística da escravatura da provincia feita por pessoa desta cidade.

Em 35 municipios, onde estão comprehendidos os maiores nucleos de escravatura, foram apurados até hontem 50.419.

Parece fóra de duvida que o numero de escravos existentes actualmente na provincia não excederá a 70.000.

Na ultima estatística official estimava-se, no minimo, em 120.000 o numero de escravos da provincia.

Está, pois, reduzido o numero a quasi metade.

S Paulo marcha na vanguarda das provincias emancipadoras.»

Que a provincia de S. Paulo marche na vanguarda das provincias emancipadoras é possível; mas para isso e preciso excluir Campinas dos municipios componentes desta provincia.

Em 1873 matricularam-se em Campinas perto de quatorse mil escravos.

De então, a 1884 averbaram-se mais de sete mil. Alforriaram-se pelo fundo de emancipação e outros meios, até agora, menos de oitocentos captivos. A matricula encerrada a 30 de Março deste anno dá-nos o municipio de Campinas com menos de dez mil escravos. E' note-se, todos estes dados nos foram ministrados, *inconscientemente*, pelos *Correios de Campinas* de 1885 a 1887.

Aonde param, pois, os dez mil escravos não libertados, nem ora matriculados?

Campinas, em quatorse annos, enviou para os seus cemiterios, á fome, á surra, á nudez e máos tratos, mais de dez mil escravizados!

Eis como ella caminha na vanguarda emancipadora desta provincia!

Estes jornaes de Campinas quando fallam de escravidão, parece que se esquecem da propria liberdade!

5 de Abril 87.

SPARTACHO.

**Liberdades condicionaes**

Consta-nos que muitos individuos que deixaram de matricular seus escravos, por esquecimento, estão dando na grandissima bandalheira de passar carta de liberdade condicional e a mandar averbar nas antigas matriculas.

E' forçoso quanto antes que o sr. inspector da Thesouraria, se não é escravocrata, o que acreditamos, porque esta virtude e qualidade só pertence a bandidos e canallas, mande recolher para a capital os antigos livros de matricula, senão essa lei, composta por Cottegipe e Saraiva, ficará completamente desvirtuada.

Collectores bandalhos não faltam; homens de bem encontramos poucos, e dessas duas classes havemos de apresentar um relatório, em tempo oportuno, dos collectores homens de bem e dos canallas, depois que a cada essa lutrica chamada matricula de escravos.

Eis passada a semana santa, em que se commemorou a paixão de Christo, o typo da humildade, a norma da paciência, o exemplo vivo da caridade, symbolo immaculado do resgataador do captivo do peccado.

Pois bem: no domingo de ramos, na Sé cathedral, na occasião de celebrarse os officios da distribuição das palmas, conversavam dous homens velhos, que pelos traços, representavam ser fazendeiros lá dos lados do Amparo.

Dizia um: — Que lhe parece o governo? Pois o ministro não declarou, por uma consulta, que o senhor do escravo não pôde mais surrar seus escravos?

Outro: — Historias; essa gente não sabe o que diz. O ministro pôde en-

**Cartas de Santos**

Abril de 1887.

O municipio teve occasião de certificar-se da cruel verdade que ha tempo se propalava: a cidade de Santos não está liberta.

Pela matricula fechada a 31 de mez passado vê-se que restam ainda 58 escravizados nesta terra que dizia ter-se redimido ante o cadaver de José Bonifacio! Triste noticia para a briosa população santista, que se mostrou tão generosa, sempre prompta a concorrer com o seu obolo para resgate dos captivos...

A sociedade 27 de Fevereiro, ao receber a contristadora nova, reuniu-se afim de providenciar sobre a libertação dos infelizes matriculados, e foi delibérado que a directoria tomasse a si a tarefa de empregar todos os meios necessarios, com o coponimento de membros da sociedade, para a redempção de Santos, no mais breve espaço de tempo.

Proseguindo desse modo, a benemerita associação libertadora torna-se digna dos mais sinceros applausos, quer por parte do povo santista, quer de todos os brazileiros.

Este vigario daqui é um grandissimo pandego. Matriculou uns seis escravos e arranjou mais uma licença de seis mezes, com vencimento, bem entendido.

Desde que permutou a parochia com o conego Scipião Junqueira pouco tempo tem aqui estado; passeia constantemente, vae até á fazenda, onde uma porção de desgraçados trabalham para elle, e pouco se incommoda com o latítorio das missas.

O diabo é que elle vae, mas volta... Si ficasse por lá muito tempo, mas mesmo muito tempo, que pechincha!

Simplemente esplendida a *soirée* que a gentil sociedade *Violeta* effectou no dia 2, em casa do sr. capitão tenente José Carlos Palmeira.

Os vastos salões onde dancou-se estavam ornamentados com o maior luxo e gosto, e o jardim vistosamente illuminado a *giorno*, queimando-se durante a noite excellentes fogos artificiaes.

O serviço nada deixou a desejar, e as danças, animadissimas, prolongaram-se até ás 5 horas e meia da manhã.

A elite santista achou-se allí representada na sua maior parte, e todos foram concordes que essa *soirée* foi uma das melhores que têm-se realisado em Santos.

A Sociedade *Violeta* é composta exclusivamente de senhoras, e a directoria captivou a todos pela sua extrema amabilidade.

As moças estão dando lição aos rapazes. Elles não offerecem-lhes *sarais* a miudo, ao passo que ellas estão sempre a convidal-os para uns *soirées* magnificas, como as que têm levado a effecto...

Os meus parabens ás gentis socias da *Violeta* e ao distincto cavalheiro capitão Palmeira.

\*\*\*

tender de tudo, menos do café, de canna e dos competentes *adubos*.

E' verdade. Eu já disse, que em minha casa governo eu, e quem quizer fazer favores faça com o que é seu e não metta a mão em seara alheia.

—Deste modo para que nos serve o bacauá e o chicote?

—Para os negros nos surrarem com elles, por ordem do ministro.

—Este mundo do Brazil vai muito mal depois que os abolicionistas tomaram os fazendeiros á sua conta.

—Pois não vê como elles já nos chamam—barão do bacalhuá, visconde do angú com feijão, conde da goliha, do do tronco, do anjinho...

—Ta, ta, ta:—isso não é nada; até querem que se mande os negros á missa, a desobriga...

Neste interim entra o sr. bispo e o dialogo ficou transferido para o domingo seguinte, no mesmo lugar e hora.

Eis aqui como os taes srs. escravocratas ouvem a missa e os actos religiosos, aos quaes se mostram tão dedicados! Um tal sr. Ferreira de Camargo em Campinas, e serva acorrentados os escravos Cypriano e Daniel submettendo-os e mais os escravos Felix a uma novena de bacalhuá com sciencia da lei que o prohibe.

Outros conservam em tronco e gancho infelizes escravizados por pequenas faltas como furtar uma banana, um ovo, ou dous nós de canna para matarem a fome.

O que dizem os reverendos do *Thabor* e outros srs. padres, que sabem de tudo isto? Oh! a igreja é só dos mansos, e os fazendeiros que assim procedem são carrascos e como taes estão fóra da communhão dos catholicos e apostolicos, e anathematizados por Deus e pelos homens.

Não vale a pena chamar os á ordem?

Não. Elles estão cavando a valia onde têm de ser sepultados de envolto com os instrumentos de tortura com que em suas fazendas ornam as salas de espera e de visitas, como signal de opulencia e grandezza, com o que dão o mais bello testemunho de sua supina

indiferencia que não passava de uma utopia ou esperança fugaz já se traduz em realidade mathematica.

Os ultimos registros acabam de demonstrar-nos os progressos da emancipação dos escravos.

Que se ralem os escravocratas a braços com a imbecillidade, não-de tirar o seu chapéu e curvará-se submissos a lei aures que terá de em breve proclamar o estado livre da nação, purgada da mais negra nodosa que a repelle de suas coxas-rimás.

O sol da redempção, espalhando a luz e illuminando a razão humana, feriu de morte o eslavagismo, e dahi a exponentsidade das libertações em massa e a glorificação dos abolicionistas convictos.

Era tempo. A Deus o que é de Deus, a Cesar é que é de Cesar.

Amanhã não haverá senhor e escravos.

A unificação da condição social será uma gloria para a nação brasileira, que transmittindo ás nações livres a liberdade dos captivos, fará soar por toda esta grande região o brado de:—Brazilleiros, somos todos irmãos!

*Agnus.*

**Sentinelha**

Com a appareceu nesta capital um novo organo dedicado a nobre causa da democracia.

São seus redactores os srs. Arthur Itabirano e A. Diana Terra e collaboradores os srs. João Crespo, Plinio Cardoso, Alexandre Moura Junior, Carlos Coelho e outros.

O illustrado collega depois de verberar em ligeira critica as argucias e artimanhas do principe aventureiro que teve o «desembaraço» de suffocar despoticamente o patriótico acontecimento politico de 31, diz em seu bem elaborado artigo-programma:

«Escolhendo o dia de hoje, anniversario glorioso d'aquelle heroico movimento popular, rendemos homenagem ao maior dia da patria, ao facto mais importante da nossa historia e prestamos adhesão franca ao principio revolucionario que concretisou-se no acontecimento de 7 de Abril.»

Desejamos ao novo organo todos os triumphos possiveis.

## 58 escravizados

Ha bem poucos dias tive o indescrivível prazer de ler em uma das folhas locais desta cidade que a *Sociedade Emancipadora 27 de Fevereiro*, depois de sustada, ex-abrupto, na sua gloriosa marcha da libertação dos escravizados desta comarca, pela impensada e irrefletida declaração do desaparecimento completo desses pobres desgraçados, se tinha reunido, congregado as suas forças e novamente hasteado a sacrosanta bandeira da redempção.

Não era de esperar-se outro procedimento da parte desse distincto e abençoado punhado de homens, que ha mais de anno se tem entregue com tenacidade e respeito ao iniquo e absurdo preceito legal, que, infelizmente, entre nós, ainda nivella a propriedade servil a outra qualquer legitimamente adquirida, como se vê do nosso pacto fundamental, indemnizando aos magarefes de carne humana, que só vêm no escravizado o meio facil para a sustentação de seus mais torpes vícios e a pratica dos mais hediondos delictos!

Prosigam os senhores, da *27 de Fevereiro*, e não esmoreçam.

Não foi certamente essa culpada de ter parado no seu andar altivo e promettedor de dentro em pouco tempo chegar á realisção do seu objectivo, emblema exclusivo de sua humanitaria e encomiastica bandeira «livertação da comarca de Santos!»

Caminhava, ainda que lentamente, quando de subito estacou após a formal declaração do sr. tenente, coronel Francisco Martins dos Santos que Santos, S. Vicente e Itanhaem se achavam emancipados, faltando apenas uns trinta escravos que não tinham recebido as suas cartas, unicamente porque os seus proprietarios se acham ausentes, e a commissão central affirmava existir em caixa o dinheiro necessario para a indemnisação completa dos seus respectivos valores.

Pois bem: o que julgar-se e depois de tão solemne declaração em pleno publico, ainda mais, sendo proferida por quem, até hoje, tem tido com toda a justiça o direito ao illimitado credito de seus numerosos amigos e no centro em que vive?

E' na verdade de profunda estranheza o silencio desses tres cavalheiros aos quaes foram pelo povo santista, delegado especies poderes expressamente para angariar donativos em beneficio dos escravizados desta comarca, accrescendo mais due habilitaram o veneravel ancião a tornar conhecido e publico tão grandioso e desejado acontecimento, por todos os patriotas sinceros e afferrados aos santos principios de humanidade!

No entretanto, correram os dias, os corações bondosos dos homens honestos regosijaram-se de intensa alegria na firme crença que viviam em uma cidade livre e civilizada quando, inesperadamente, tornou-se claro, vivo e patente o horrivel e repugnante desmentido com a existéncia ainda de 58 escravizados, como consta, desgraçadamente, da ultima matricula encerrada ha poucos dias nesta cidade!

Sim, das duas uma: ou abusaram da credulidade do sr. tenente-coronel Francisco Martins dos Santos, ou então não cumpriram regularmente o seu mandato.

Terminemos—cartas na mesa, senhores da commissão central—não augmentem o soffrimento ao afflicto; tenham compaixão desses nossos poucos irmãos, que se acham depois davossa outorgada affirmação, de 58 escravizados, quando a certeza ao menos a doce esperança os affagava em breve receberem igualmente com os seus ex-companheiros de condição o generoso e promettedo obolo da sua liberdade, obtido por vós, concispos e patriotas cidadãos!

Vinde com seu auxilio pois, com ellas vos compromettestes em uma divida de honra, cuja data vos deverá ser inolidavel por ter sido a escolhida pelo povo santista para prantear a morte de um dos maiores vultos brasileiros, o conselheiro José Bonifacio!

Ainda é tempo: leitores, leiam com a devida calma as paginas intimas dos vossos patrióticos corações, que, sem a mais pequena duvida, melhoram a desagradável e difficil posição em que se acha collocado o sr. tenente-coronel F. Martins dos Santos e ao mesmo tempo livrar-se-ão dos multiplos juizos temerarios concebidos pelo povo que deseja logo um rai de luz para aclarar os

largos e ennuviados horisontes desta pseudo-emancipada comarca de Santos, 4 de Abril de 1887.

CARACIOLO.

largos e ennuviados horisontes desta pseudo-emancipada comarca de Santos

Santos, 4 de Abril de 1887.

CARACIOLO.

Falleceu no dia 4 do corrente d. Joseph Mugnaini, justamente na occasião em que acabava de prestar um acto de caridade indo visitar um enfermo.

Senhora cheia de grandes virtudes, sempre arrostou todas as vicissitudes da vida com coragem e energia.

Era filha do antigo pai... Mugnaini, primeiro que estabeleceu-se nesta capital, e mãe de nossos amigos Ernesto Mugnaini e Francisco Mugnaini.

**Doutrina republicana**

Querem vêr um republicano doente, macambusio, epileptico, especulundrico e quasi cho-roso—é estar elle em uma reunião e não ter occasião de falar de si mesmo.

Quando um republicano paulista tem occasião de falar de si emprega um chuvaireiro de palavras, conta sua sciencia, o quanto sabe, o quanto vale, os quinás que tem dado na humanidade, os erros dos monarchistas e a forma de remedial-os, a impossibilidade do progresso moral e material deste paiz, proveniente de sua forma de governo. O futuro prospero que poderia dar a este torrão amaldiçoado uma republica cheia de presidentes, e então os republicanos presentes lambem os beiços, puxam os collarinhos, entesam o peito, cada qual se julgando apto para exercer esse importantissimo cargo de—rei da republica.

Agora, ha pouco, por occasião da enfermidade do Sr. D. Pedro II, estavam todos os republicanos, daqui e de Campinas, incommodadissimos e diziam que a morte de S. M. o Imperador seria uma verdadeira desgraça por não estar resolvida a questão do elemento servil!

De sorte que os republicanos querem tomar conta do paiz depois que estiverem resolvidas todas as questões do paiz, até mesmo o desaparecimento de toda a familia imperial, por um cholera morbus, ou bexigas.

Realmente, não ha monarcha mais feliz do que D. Pedro II, e a prova está que, quando S. M. esteve de passeio por esta provincia, só teve por caudatarios—republicanos.

Qual o republicano desta provincia que terá a coragem que teve o official russo, que atacou o Ozar, de frente!

Aquí, neste paiz, estamos certos que, se os republicanos resolvessem escolher entre si um que fosse atacar S. M., esse um faria o que fez aquelle capitão negro, em Minas, que, vendo o governador, em vez de mandar fazer as continências, disse:—*surachrisso!*

**Ao sr. delegado de policia de Jacarehy**

Não sabemos si em Jacarehy existe alguma autoridade com esse titulo; no entretanto, caso exista, pedimos a sua protecção a favor de Valentina, que, tendo sido do finado Francisco Ferreira Braga, e tendo um herdeiro dado em beneficio de sua liberdade a quantia de 200\$, ficou ella obrigada a prestar serviço a outros herdeiros só o tempo sufficiente para pagar o restante de seu valor, o que não podia exceder de quatro annos, e no entretanto somos informados que essa infeliz e ignorante existe em captiveiro e talvez fosse dada á matricula.

Si por ventura foi essa infeliz dada á matricula, é caso de applicar-se o artigo do código que manda punir aquellos que reduzem pessoa livre á escravidão.

Com mais vagar havemos de discutir esta materia.

**SECÇÃO ESPECIAL**

**Chronica de annos**

Fizeram annos hontem, ao meio-dia, nesta capital, o major Batata, major Felissimo ou Felisbino, Julio de Almeida, Pacáú, Sinimbu e Maneco Flautim; fazendo annos á mesma hora em Campinas

José Rodrigues do Prado, por ter ha mais de um anno uma escrava com uma pedra nos pés.

Fez também annos na Limeira o sr. Bento Nunes e as sardinhas que o moleque comeu; fazendo annos o Evaristo dos Santos, perto de Itapura.

Também fizeram annos hontem, por ser sabbado de alleluia, o Luquinhas dos olhos pretos, o dr. Antonio dos bandinhos; continuando a fazer annos, na mesa do truque, o *padre de barbante* do Joaquim L. do Couto, o Binão, pegador de negros e o Juca Preto e a sua *cabelleira*.

Fizeram annos em Campinas José Correia de Moraes, João Navalha e Castro e o bilhar do Pedrinho.

Fez annos na Limeira, depois da alleluia, hora e mulher do Barbosa Guimarães, de vergalho em punho, surrando uma pobre escrava.

Fez annos no Braz o bariz de pimenta, etc. e tal do Aragoão.

Fez annos em Santo Amaro Felipe Aureas Delaborde, herdeiro do chapéu, do nariz e do procedimento de Judas.

Os republicanos escravocratas fizeram todos annos em diversas localidades; fazendo annos na Limeira o commendador Vergueiro, republicano, que dá votação a conservadores.

No Amparo, hontem, sabbado de alleluia, ao meio-dia em ponto, fez annos o Assis Prado, que passou do partido conservador para o republicano, por causa da lei de 28 de Setembro, votando no entretanto no Chico Queiroz, por ser contrario ao projecto Dantas; Antão de Paula Souza e Damião Pastana, que não votaram no Campos Salles por ser favoravel ao projecto Dantas.

Fizeram annos também no mesmo lugar os vereadores que votaram contra a criação de um livro de ouro para libertação de escravos.

Fez annos em Campinas, na torre da matriz, Antonio Americo e um celebre e caboclo trançador, que lhe fez um bacalhuá para surrar o preto Benjamim, fazendo annos o juiz de direito da comarca e o celeberrimo promotor publico, magistrado e fazendeiro, e o delegado de policia, por não comprirem com os seus deveres e consentirem que Benjamim fosse entregue ás feras.

Está para fazer annos, depois da Paschoa, o celebre Gascão, que escreve cartas a fazendeiros aconselhando-os a que persigam os protectores de escravos.

Fizeram annos nesta capital, depois da Paschoa, todos esses individuos nauseabundos, que negociaram com escravos.

**PROPAGANDA ABOLICIONISTA**

**Quadro negro**

Amarrada n'um poste assim estava Bella mulher de aspecto prazenteiro, A victima infeliz do captiveiro, Qu'em prantos e gemidos soluçava.

Que males fiz—á j sobre perguntava!  
—Meu avô foi um rico fazendeiro;  
Eu nasci neste Imperio Brazileiro,  
Zombam todos de mim, por ser escrava!

—Sou, disse, mulher martyrisada,  
Meu passado eis aqui!—nisto s'encerra!  
Meu viver... minha vida maldorada!

Não sei porque razão eu soffro guerra!  
E se for por ser eu escravisada,  
Mal haja a escravidão da nossa terra!!

AMELIO BRAGA.

**ALBUM ABOLICIONISTA**

O sr. capitão Bento Barbosa Ortiz, nesta capital, fez solemnisar o anniversario de uma sua filha, libertou, incondicionalmente, as duas unicas escravizadas que possuía.

O sr. José Joaquim Duarte de Rezende, em Campinas, alforriou, mediante prestação de serviços, por dous annos, uma sua escravisada.

D. Candida Florence, na mesma cidade, libertou, conditionalmente, dous escravizados.

O dr. Jorge de Miranda e o cidadão Paulo Carbone, ambos residentes na mesma cidade, declararam livres, com obrigação de serviços, dous escravizados.

O sr. Bento Quirino dos Santos e Antonio Quirino dos Santos, ainda em Campinas, libertaram, sem onus, o seu escravisado Romão.

O dr. José Felix da Cunha Menezes, na capital de Pernambuco, em regresso pelo seu bacharelamento, libertou um escravisado.

Em S. Fidelis, provincia do Rio, foram ha pouco manumittidos vinte e nove escravizados por conta de fundo de emancipação.

O dr. Paulo de Souza, na Corte, deu carta de liberdade a um escravisado de Antonio Gonçalves dos Santos.

O sr. Anastacio Teixeira Leite, fazendeiro da freguezia de Monte-Verde, provincia do Rio, libertou, conditionalmente, todos os seus escravizados, em numero de quarenta.

O sr. Joaquim José Ribeiro da Silva, na capital do Espirito-Santo, alforriou, mediante se viços, dous escravizados.

O dr. José Antonio Coelho Rama, nas Alagoas, libertou, sem onus, a unica escravisada que possuía.

O sr. Olympio José de Alvaranga, negociante em Sant'Anna dos Tocos, libertou, pelo preço determinado na lei, uma escravisada do commendador Ignacio Caetano de Carvalho, residente em Barra-Mansa.

O sr. Joaquim Palhares de Andrades e seus filhos, alforriaram, mediante prestação de serviços, duas escravisadas.

Em Palmares, provincia de Pernambuco, foram ultimamente manumittidos, por liberalidade particular, treze escravizados.

O capitão João Pedro Ribeiro, no Maranhão, alforriou, sem condição, sete dos seus escravizados.

## SECÇÃO POPULAR

## Botucatu

UM SUBDELEGADO CARRASCO

O sr. Elias Chaves, quando fez a derrubada, escolheu a proposito os seus agentes mais capazes de torturarem os adversarios.

Aquí não podiam recahir as nomeações policiaes em esbirros mais prestimosos e instruidos com uma pedra—brutos qualificados.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

O Ismael tanto fez que o seu proprio governo o demittiu e depois de demittido ainda assaltou a casa do dr. Guilherme para agarrar um trabalhador livre, cobicado por um parente.

O subdelegado José Franco, que a imprensa tem accusado de abusos e crimes, de prisões arbitrias de liquidações de dividas com os confinantes, acaba de commetter um crime publico e notorio.

# A La Belle Jardinière



22\$000

Pela quantia acima terá o freguez um magnifico costume de panno preto, fazenda bem acabada á ultima moda.

14\$000

Um elegante costume diagonal—para creanças des-de tres annos para cima.

Enorme Sortimento

DE  
GRAVATAS

18\$000

Uma caixa com seis camisas brancas, sem punho e sem collarinho—fazenda superior—importado directamente da Europa.

A LA BELLE JARDINIÈRE

A. Lino & Comp.

EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

RUA S. BENTO 30

SÃO PAULO

## A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

### Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

A seus numerosos amigos e freguezes a **Loja do Rocha** previne que acaba de receber completo sortimento de calçado Ferris e outros fabricantes da Europa, e avisa que é o unico depositario do calçado Klark & Comp. (Travessa do Ouvidor n. 35, Rio de Janeiro.)

GRANDE OFFICINA DE CALÇADOS FINOS

LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

### Industria Nacional

Só na casa Pomona  
Biscoutos, lata, 1\$160.

VICENTE P. GUIMARÃES

LARGO DO MERCADINHO N. 8

Fabrica de caixas de papelão

DE

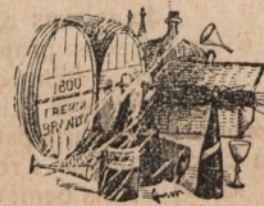
JOÃO LEITE & ARAUJO

RUA JOSÉ BONIFACIO, 5A

Apromptam-se com brevidade e preços commodos: caixas para chapéus, camisas, meias, flôres artificiaes, grinaldas, fogos e qualquer caixa de luxo,

S. PAULO

VINHO NACIONAL



DE

S. CAETANO

PURA UVA

Vende-se por atacado e a varejo

Uma garraga 400 réis

Unico deposito em São Paulo

ARMAZEM POPULAR

9--RU DO THESOURO--9

EMILIO ROSSI



CHEGARAM GRANDES NOVIDADES MUSICAES  
NA CASA DE PIANOS E MUSICAS

DE

## Eduardo Pons & C.

RUA DE SÃO BENTO 27, SÃO PAULO